
UM ESTUDO DO FIGURINO TEATRAL ATRAVÉS DA OBRA DE KALMA MURTINHO

Cátia Vianna

Orientadora: Ana Teresa Jardim

Este trabalho está inserido no campo das Teorias Teatrais, acompanhando a linha de pesquisa que propõe trabalhar com a construção das artes cênicas, observando a composição do figurino no contexto teatral, especificamente através de Kalma Murtinho.

Kalma Murtinho aparece em uma geração de figurinistas, críticos e cenógrafos amadores. A inovação e interpretação de tendências - e aqui se destaca o teatro infantil, como em *Pluft, o fantasminha* (RJ, 1955) – fez do Tablado, na década de 50, um turbilhão intelectual que promoveu a divulgação de autores clássicos e, também, do teatro infantil, no qual se destaca o nome de Kalma Murtinho. Seu trabalho de composição teatral dos figurinos correspondia, fidedignamente, à inventividade poética sugerida por Maria Clara Machado, transpondo com encanto e dialogismo o imaginário das histórias infantis.

O surgimento desse grupo teatral amador é fator consecutivo de uma política engajada dos anos 50. O pós-guerra expôs politicamente os textos teatrais trazendo a querela do teatro burguês em contraposição ao teatro politizado, este com a nítida proposta de envolver o público na criticidade e reflexões partindo das contribuições dramatúrgicas.

Delimitar o recorte temporal da década de 50 presume afirmar que essa geração gestou uma pluralidade crescente na dramaturgia. A criticidade despertada no público foi reflexo da riqueza e da visão plurifacetada da teatralidade naquela década.

Os espetáculos brasileiros desse recorte histórico – década de 50 – são bravamente inovadores e revolucionários dentro do contexto brasileiro. O *engagement* proposto ao público crítico abarcava o próprio temperamento brasileiro, refletindo inspirações dramatúrgicas de um pós-guerra intensamente subjetivo. A história do teatro brasileiro ressurge com marcante devoção, inovação e ineditismo com o grupo Tablado da década de 50, marcando o passo importante da participação de Kalma na renovação do teatro nacional, segundo Michalski:

Finalmente; é quase espantoso pensar que em tão pouco tempo o teatro brasileiro tenha percorrido um tão longo caminho de renovação, a ponto de permitir hoje em dia a produção de um espetáculo cuja forma seria altamente revolucionária em qualquer lugar do mundo. (MICHALSKI, Y. 1999, p. 17)

Kalma Murtinho em 1957, é convidada a fazer os figurinos de *Nossa Vida com Papai*, de Howard Lindsay e Russel Crouse, encenação de Gianni Ratto, no Teatro Brasileiro de Comédia, TBC – e conquista o Prêmio Padre Ventura do Círculo dos Críticos Independentes. Trabalha também nos três espetáculos do repertório de 1957

do Teatro Nacional de Comédia, TNC: Pedro Mico, de Antônio Callado, direção de Paulo Francis; Jogo de Crianças, texto e direção de João Bethencourt; e O Telescópio, de Jorge Andrade, mais uma direção de Francis. No ano seguinte, é a vez de colaborar para o Teatro Maria Della Costa, TMDC e faz os figurinos para Anjo de Pedra, de Tennessee Williams, ganhando novamente o prêmio dos Críticos Independentes. Permanece em O Tablado até assinar, em 1968, o figurino de O Jardim das Cerejeiras, de Anton Tchekhov, numa produção do Teatro Ipanema, que lhe vale o Prêmio Molière.

Ressalta-se ainda que o trabalho de Kalma Murtinho abrange diferentes áreas da cena teatral, incluindo interpretação e cenografia – como *O Boi* e *o burro no caminho de Belém* e *O Rapto das Cebolinhas* – incursões autênticas que conferem à sua obra maior compreensão da totalidade do trabalho cênico.

Kalma Murtinho trabalhou como figurinista e cenógrafa em inúmeras peças teatrais. O recorte de análise na sua criação, dar-se-á na década de 50, grande efusão criativa de Kalma juntamente com o grupo de intelectuais do Tablado.

Expressar-se politicamente sugeriria, na criação da figurinista, o processo de engajamento como percurso idealizado até aos espectadores. O que torna importante articular os reflexos do pós-guerra ao vigor e a teatralidade vertida em Kalma conduzindo ao período em que iniciara a sua produção.

Articulado à consciência da crise – do país, da linguagem capaz de ‘dizê-lo’ do cinema, capaz de ser político, consolidou-se, na segunda metade dos anos 60, o recurso às alegorias. Este não pode ser reduzido a um programa imediato de denúncia programada e velada do regime autoritário, pois compreende uma gama variada de motivações e estratégias de linguagem, bem como uma gama variada de efeitos de sentido conforme a postura estética do cineasta, sua forma de organizar o espaço e o tempo, sua relação específica com o espectador.

A cenografia e indumentária propostas por Kalma são amplas e ao mesmo tempo subvertem um padrão condizente com aquela expressividade politizada cujo vate pertencia ao teatro. A matriz para além fronteiras com o real não expõe o cenário à ociosidade, inventando imagem e linguagens que enriquecem a emocionalidade cartática do espectador, sem privá-lo da imaginação completa composto pela estética teatral. Kalma parte do simples concreto – trabalhando da cor ao autor – e comondo com elegância a cenografia do espetáculo. Como afirma Clarival do Prado Valladares:

[...] o texto cênico exerce a integração dos elementos visuais sonoros em função do compromisso primeiro da obra de arte que é a comunicação. Não basta o cenário ser a ilustração do texto. Para corresponder ao nível estético, há de ser uma visão poética do texto, liberado de sua origem e reposto no espírito da data em que se representa [...]. (VALLADARES, C. 1999, p. 163)

A estética perseguida por Kalma Murtinho é empírica. Pelo seu próprio depoimento, a figurinista conta que a sua carreira teatral começou no Tablado e, até hoje, colhe frutos pelo início de sua carreira em parceria com Maria Clara Machado. Pretende-se, através da obra de Kalma, buscar prismas teóricos que apontem para o caminho formalizado na arte engenhosa e sistêmica da figurinista. Em depoimento realizado

após a sua premiação do prêmio Shell, a figurinista declara o seguinte:

Em 1951, Maria Clara Machado me convidou para entrar para o Tablado. Comecei minha carreira de figurinista sem escola, até porque não havia naquela época. Continuei e há 54 anos estou fazendo figurinos.

Fica patente a experimentalização aliada à tomada de conhecimentos adquiridos por Kalma Murtinho na cenografia e interpretação teatral. Percorrendo apresentações teatrais como *Pluft, o fantasma* – uma crítica ao pós-guerra – até *Orlando*, a figurinista mostrou a diferença ocasionada pelo cenário simples, harmônico e marcante.

É mister tomar conceitos teóricos teatrais e aplicá-los à obra de Kalma Murtinho. Em *Orlando*, peça em que produziu oitenta figurinos, adequou as vestes ao corpo dos atores obedecendo rigidamente aos conceitos plásticos e movimentos corporais realizados no palco. O figurino de Kalma rende-se aos gestos, como parte da linguagem da representação da personagem, prevalecendo de uma função estética primorosa.

O gestual criado na composição da personagem é parte relevante para o surgimento da sutileza nos figurinos de Kalma. Ele é claramente exposto como elemento estético.

Há um simultaneísmo entre a indumentária e as ações da personagem declaradamente sutis. Simbioticamente, ambos rompem com a fronteira, comprovando tal assertiva com a própria declaração de Kalma quando afirma precisar apenas *da cor e do corpo do personagem* para o campo idealizador do seu trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CARPEUX, Otto Maria. *Problemas de estética teatral*. In: *O Percevejo*, ano 3, no. 3, 1995.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. *Ler o teatro contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIGIÉRO, Zeca. *Flávio de Carvalho e a rua: experiência e performance*. In: *O Percevejo*, ano 7, no.7, Rio de Janeiro, 1999.
- MAGALDI, Sábato. *O teatro e a função crítica*. In: *O Percevejo*, ano 3, no. 3, 1995.
- MICHALSKI, Yan. *Um balcão visto na vertical*. In: *O Percevejo*, ano 7, no.7, Rio de Janeiro, 1999,
- PRADO, Décio de Almeida. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- VALLADARES, Clarival. *Cenário (objeto-plástico)*. In: *O Percevejo*, ano 7, no. 7, Rio de Janeiro, 1999.
- XAVIER, Ismail. *Alegorias do subdesenvolvimento*, Editora Brasiliense, São Paulo, 1993.